

NAS TRILHAS DE LAMPIÃO

O Nomadismo Como Estratégia

Ana Claudia Duarte Rocha Marques*

O PERCURSO DO NÔMADE

Terra de todos e de ninguém: a presença dos fora-da-lei no sertão nordestino remonta ao período colonial. Antes de perguntar-se *qual* é a lei, parece ter sido amiúde mais relevante para o sertanejo a certeza de saber *quem* a dita primeiro, de acordo com o local e com as circunstâncias. Deste modo, o caráter relativo da lei apresenta-se à superfície, como um dado adquirido e partilhado por todos e como um corolário da constatação de que ela é absoluta para cada um daqueles que a ditam. Em um confronto entre dois chefes locais, isto é, entre dois grandes grupos de aliados, infringir as leis de um deles pode ser condição de fidelidade ao outro. Quantas histórias de vida foram marcadas por um crime cometido um dia e pela posterior proteção obtida junto a um chefe poderoso, capaz de controlar a máquina jurídica local, livrando o criminoso dos aborrecimentos que esta poderia causar-lhe? Quantos jagunços iniciaram assim sua trajetória de guerra?

Os percursos de vida dos cangaceiros, os acontecimentos que precedem e justificam, em suas narrativas, a entrada de muitos deles em um bando como o de Lampião, não divergem muito daqueles associados ao destino dos jagunços, capangas e cabras de coronéis. Um homicídio cometido por um indivíduo, frequentemente por razões de vingança - fator que o legitima desde o ponto de vista de um código de honra sertanejo - jaz na base de um conflito muitas vezes irreconciliável com a justiça, sobretudo se não pertencer às camadas dominantes da sociedade sertaneja. A recuperação da dignidade perdida lança o vingador na ilegalidade, condição na qual tende a manter-se indefinidamente se preferir não enfrentar, por sua própria conta, os procedimentos jurídicos regulares que culminariam em sua prisão. Face a semelhante problema, a sociedade sertaneja formulou algumas soluções, sendo talvez a busca de refúgio junto a um fazendeiro politicamente influen-

te a mais tradicional. Para compensar o abrigo recebido ou mesmo sua inocentação por um júri controlado por seu protetor, o protegido encontra em sua fidelidade o único meio de saldar sua dívida. É assim que sua liberdade tem como consequência a constituição ou acentuação de laços especiais de dependência e, não raro, sua paradoxal adoção de um modo de vida marcado pela ilegalidade - quando se converte em homem de armas a serviço de seu protetor. Tais laços de dependência não são em si desvantajosos: o valor socialmente atribuído à vida em armas no sertão trouxe para muitos um prestígio que dificilmente seria alcançado por membros dos segmentos pouco abonados. Assim mesmo, o vingador poderia, em alternativa, assumir os riscos de uma fuga, do abandono da região que lhe era familiar, da busca do refúgio no anonimato em alguma paragem longínqua, de um futuro novo, mas também sem maior perspectiva de proteção. A esta solução migratória acrescentou-se uma outra, nômade, atualizada pelos cangaceiros de Lampião.

A permanência do cangaceiro na ilegalidade reúne elementos do destino do homem de armas do coronel e do migrante, mas não se confunde com o modo de vida de nenhum dos dois. Como nômade, ele não abandona seu território. Ao contrário, expande-o, empurrando seus limites ao sabor de suas andanças e sobretudo de suas alianças com os segmentos da legalidade. Tais alianças, no entanto, garantem a este guerreiro nômade uma autonomia não alcançada pelos jagunços, cabras e capangas. É acima de tudo em seu próprio nome que o cangaceiro luta, mata, saqueia, ainda quando seus atos beneficiam indivíduos que não sejam membros de um bando. Pois, sem dúvida alguma, as armas de Lampião e seus homens também serviram a interesses outros que não especificamente os seus. Por isso mesmo, a distinção de sua autonomia, de sua diferença em relação a outras categorias de guerreiros do sertão, traz

sempre dificuldades pela sua sutileza, que muito confunde aqueles que procuram analisar a especificidade do fenômeno do cangaço de Lampião. Entendo que tanto a investigação das condições de sua autonomia, quanto de sua peculiar territorialidade, fatores que aliás estão articulados entre si e que constituem dimensões pouco exploradas daquele cangaço, podem auxiliar a compreensão deste fenômeno e eventualmente de outros movimentos de nomadização.

UM MAPA CRONOLÓGICO

Pouco tardou para que o talento guerreiro e de liderança de Virgulino Ferreira, célebre sob a alcunha da Lampião, fosse reconhecido por Sebastião Pereira, chefe do bando de cangaceiros no qual ingressou em 1921. Menos de um ano depois, após um período de intensa atuação dos cangaceiros coroada de êxitos, Lampião assume o comando do bando, por vontade de seu antigo líder que abandonava então definitivamente a vida de cangaceiro e o palco de suas lutas (Chandler, 1981: 45). No entanto, a saída de Sebastião Pereira provocou alterações nem sempre favoráveis ao novo chefe. Tanto as deserções quanto o nítido declínio do apoio antes fornecido irrestritamente pela parentela dos Pereira demonstram o caráter pessoal e parental dos vínculos internos e externos do bando, que devia sobretudo à presença e ao comando de Sebastião Pereira a sua coesão, a adesão de seus integrantes e suas alianças com os segmentos da legalidade. Perdidas em grande parte, com a nova chefia, estas condições indispensáveis à continuidade do bando, fez-se necessário reconquistá-las. Em particular as alianças travadas com membros da camada dominante tiveram de ser zelosamente cultivadas. Eis o motivo pelo qual Lampião

... andava, de 22 para 23, tão ocupado com a amizade que reforçava com o coronel Marçal (Marçal Florentino Diniz), das Abóboras, e o filho dele, também coro-

nel, Marculino (Marculino Pereira Diniz)...” conforme consta em um relato do ex-cangaceiro Medalha (Mello, 1985, p. 202).

A área de influência política dos coronéis Marçal e Marculino abrangia os municípios de Triunfo, em Pernambuco, onde se situava a fazenda Abóboras, e de Cajazeiras, na Paraíba. A ligação política e parental de ambos a José Pereira Lima, um dos chefes políticos mais importantes do sertão, era também particularmente benéfica a Lampião, que podia encontrar na região, e em especial nas propriedades dos amigos, o afrouxamento das perseguições que naquele período suscitava com suas façanhas audaciosas e de longo alcance. Pois, além dos vários municípios de Pernambuco e da Paraíba, Lampião atuou também em Alagoas e no Ceará, estendendo assim significativamente os limites territoriais de seu bando. Todavia, a este movimento de expansão seguiu-se uma súbita retração espacial do bando, que culmina em 1924, correspondente à sua gravitação em torno da área de influência daqueles seus aliados. Considero que este período foi decisivo no que respeita ao destino do cangaço de Lampião.

Estar sob a proteção de um grupo tão restrito de aliados importantes comportou o risco da perda da autonomia que se fez sentir por ocasião do assalto dos cangaceiros à cidade de Sousa, na Paraíba, em julho de 1924. O prejuízo causado alcançou a soma vultuosa de 200 contos (Oliveira, 1970, p. 201) e teve como contrapartida a ruptura definitiva entre Lampião e o coronel José Pereira Lima. Chandler afirma que o chefe político sentiu-se afrontado com o episódio (1981: 65). Mas a iniciativa do rompimento terá partido do bandido que, segundo a versão bem mais ácida e não menos abalizada de Mello (1985, p. 25), ficou insatisfeito com o modo como o aquele seu protetor aplicou-lhe os lucros do butim. De todo modo, o incidente significou o acirramento da perseguição ao bando na área de influência de José Pereira, cujo poder inibia qualquer facilidade que os coronéis Marçal e Marculino ainda se disputavam a oferecer a Lampião. Desde a perspectiva deste último, no entanto, manter a proteção de tais aliados significava perder indiscutivelmente o pleno domínio de seus atos e limitá-los tanto em seu alcance quanto em sua qualidade. Significava, em suma, estar sob as ordens, sob a dependência de outrem. No ano de 1924 Lampião esteve muito próximo da condição de jagunço.

Após alguns meses em que se registra-

ram poucas ocorrências relativas ao bando de Lampião, assistiu-se a uma retomada de sua expansão territorial. Ao longo do ano de 1925, a presença dos cangaceiros foi testemunhada novamente em diversos municípios espalhados em quatro estados, entre Alagoas e o sul do Ceará. Isto é, Lampião voltou a atuar em um território cuja maior parte já lhe era conhecida. E este é um outro aspecto relevante.

Os percursos dos cangaceiros não são tão aleatórios quanto poderia sugerir uma descrição de suas trajetórias ziguezagueantes. A continuidade de seus deslocamentos é necessária a constituição, prévia e ao longo dos mesmos, de pontos de abastecimento, abrigo, proteção, que dispense o retorno a um centro provedor de tais apoios materiais e de serviços. Esses pontos são fundados mediante as alianças entre cangaceiros e habitantes das regiões que percorrem. Em 1995, Sr. Francino, habitante da cidade de Tucano, na Bahia, explicou-me como Lampião conheceu sua família, através de um amigo comum, Zé Sozinho, que conduziu o bandido para almoçar em sua casa. Neste período, Zé Cabrito, como era conhecido o pai de Sr Francino, era o vaqueiro da fazenda onde aconteceu este primeiro encontro com os cangaceiros, o que voltaria a acontecer por mais uma vez. Mas, tempos depois, ele conseguiria comprar sua própria fazenda, que novamente foi visitada por Lampião.

“Ele passou na fazenda de meu pai (ai já era mais vaqueiro). Ele passou três vez. Todas três vez nunca encontrou meu pai. Encontrava minha mãe. (...) Ele já conhecia ela: ‘dona, é fácil a senhora me arrumar um almoço?’ As vez ele passava com 18 homi. (...) ‘É, capitão, uma demorazinha, se arranja o almoço’. Tinha uma quixabeira grande, mandava tudo pra lá; [os cangaceiros] se assentava tudo na porta, ali, ninguém entrava. Ela (...) tinha resto de carne, jogava no feijão, matava umas quatro, cinco galinha, cozinhava, quando aprontava botava deiz prato. Botava a mesa na varanda, dizia: ‘Capitão, chama deiz’. Ele chamava deiz cabra, almoçava...”

Através do relato de Sr Francino, torna-se bastante nítida a prevalência das alianças na determinação dos pontos, que podem não ser espacialmente imóveis. Uma amizade, ainda que fortuita - as relações entre Lampião e a família de Zé Cabrito não eram particularmente estreitas - pode ser ponto de partida de outras, além de ser suficiente no que respeita aos interesses de ambas as partes: os canga-

ceiros muitas vezes pagavam prodigamente os benefícios recebidos, ou no mínimo pou-pavam a fazenda do aliado, que encontrava por isso vantagens assinaláveis em oferecer vez por outra um esconderijo, um almoço, uma informação errada sobre os bandidos à polícia. Multiplicados, os pontos assim fundados facilitam a mobilidade e ampliam as alternativas de percursos, sem no entanto converterem-se em centro de gravitação, como acontecera na área de influência de José Pereira Lima. O aspecto quantitativo tem, portanto, efeitos qualitativos na constituição do território do cangaço. O nomadismo dos cangaceiros de Lampião decorreu antes da ausência de centros de gravitação em seu espaço, isto é, da gravidade de seu território, destituído que foi de um ponto de retorno, do que da simples frequência dos seus deslocamentos. Isso não significa que uma vez abandonado um ponto, o cangaceiro jamais tornará a vê-lo: no seu caminho sem volta, a repetição de um ponto não significa retorno, mas apenas condição de prosseguimento.

GUERRA SEM PAZ

O movimento de ida sem volta tem por certo um valor estratégico que compensa a ausência de um centro de proteção mais excepcional. A própria trajetória oferece uma invisibilidade em alternativa à proteção que um chefe político poderoso garantiria a seus braços armados. Sob a proteção de José Pereira, Marçal e Marculino Diniz, Lampião era inacessível, embora se soubesse quase sempre onde encontrá-lo. Os próprios policiais declararam em suas memórias este conhecimento (Lira, 1990). Mas doravante, a incômoda pergunta “onde está Lampião?”, que tantas vezes figurou nas manchetes dos jornais da capital nordestina e nas mentes de seus perseguidores, permanece no mais das vezes sem resposta certa. Ele estava em toda parte e em lugar algum. Seus rastros eram encontrados, para serem novamente perdidos logo adiante.

A organização interna do bando de Lampião também produziu efeitos importantes na sua espacialidade, cuja compreensão fica também facilitada através de uma análise cronológica. Até 1928, ano em que Lampião atravessa o rio São Francisco e seus cangaceiros passam a atuar também nos estados de Sergipe e da Bahia, acontecia de grupos distintos de bandidos reunirem-se para uma ação conjunta, sob o comando geral daquele chefe, cujo sucesso era um atrativo para

novos colaboradores que, no entanto, mantinham sua autonomia. Desta forma, o contingente de cangaceiros aumentava e diminuía, com a agregação dos grupos e sua posterior dispersão. Assim, o célebre e malogrado assalto a Mossoró no Rio Grande do Norte mobilizou 52 homens, em 1927. Durante os dias que antecederam e sucederam o cerco, todos os passos dos cangaceiros foram seguidos e registrados, inclusive pela imprensa (Nonato, 1965). Mas diante da perseguição que este feito suscitou, seria por demais imprudente manter um tal contingente de homens unido e, por conseguinte, exposto ao olhar de todos. Foi impelido pelo acirramento das forças de repressão que Lampião penetrou no estado da Bahia, pela primeira vez como cangaceiro. À margem sul do São Francisco, ele rearticulou seu bando, mas desde então adotou um modelo de organização de tipo confederado. Dividiu seus homens em vários grupos pequenos, dotados de chefes, reservando-se a liderança geral de todos eles. Através deste expediente, garantia a presença concomitante de seus cangaceiros em uma grande fatia de seu território. Mais do que nunca, Lampião estava em toda parte. O valor tático do novo modelo é bem traduzido por Raulpho Prata que comentou em seu livro:

"Ubíquo, o inimigo está a vinte léguas e surge de repente, numa volta de estrada, pela frente, na retaguarda, nos flancos, sombriamente." (1934, p. 46)

A multiplicação dos pontos de aliança servia bem a essa nova configuração do cangaço, que muito dependia de uma rede de informação eficaz entre os grupos, assegurada por *positivos*, isto é, mensageiros, destacados entre os aliados da legalidade, os quais também mostravam seus préstimos com informações úteis sobre as posições dos policiais. Para além da onipresença, Lampião ambicionava, e de certa forma obtinha, uma onisciência, ambas indispensáveis a uma vida integralmente votada à guerra.

Em última instância, é a adoção de um determinado modo de vida guerreiro que explica o nomadismo do cangaço de Lampião. Uma guerra desprovida de objetivos específicos, na qual as táticas não estão a serviço de uma estratégia que lhes seja distinta: não se almeja nenhuma vitória final¹. A não ser que assumamos que a única estratégia cangaceira tenha sido manter-se em combate, em uma só e mesma manha, de múltiplos inimigos e aliados.

ESPAÇO E TEMPO NÔMADES: O FUTURO DO PRESENTE E DO PASSADO

Como espectros, os cangaceiros apareciam sem aviso, toda vez que se sentiam suficientemente seguros para isso, causando alvoroço com sua presença, para depois desaparecerem com a mesma rapidez. Sabia-se com mais precisão onde estiveram, dificilmente onde estavam e virtualmente nunca onde estariam, mesmo em um futuro próximo.

O tempo privilegiado do cangaceiro é o presente, quando as alternativas do futuro imediato e sempre incerto desvendam-se. Investir no presente, abrir condições de possibilidades futuras, a partir de premissas passadas, eis a tarefa essencial dos cangaceiros. Assumamos a ambiguidade do termo presente: foi amiúde através das dádivas generosas, em banquetes, festas, dinheiro ou de seus serviços, que Lampião pôde assegurar, ao longo dos anos de cangaço, suas boas-vindas aos locais conhecidos. Uma dupla imagem de extrema crueldade e generosidade foram paralelamente cultivadas pelo cangaceiro, sendo a segunda a face preferível aos sertanejos. Sem dúvida, era mais vantajoso aliar-se a Lampião do que estar contra ele, mesmo considerando as compensações que tal amizade exigia, também em dinheiro, bens e serviços, conforme o poder e as posses do indivíduo. Um complexo cálculo esteve envolvido na decisão do que obter e do que oferecer, para que um fazendeiro ou um vaqueiro mantivesse seus préstimos, um caminho permanecesse aberto, a vida de guerra continuasse.

Note-se que a preparação do futuro tem aí um sentido muito diverso daquele que um cidadão médio tende a atribuir. Mais do que a redução das incertezas do porvir, o destino do cangaceiro depende do aumento de sua imprevisibilidade. A abertura de seus caminhos também se explica pela recusa do maior número possível deles todas as vezes em que se decide por trilhar um. Para o nômade, dificilmente o melhor caminho coincide com a menor distância entre dois pontos, uma vez que estes não são objetivos, mas meios de dar prosseguimento à sua jornada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensado em correlação com a guerra, a autonomia e a fundação de um espaço qualitativamente distinto daquele produzido pelo sedentário, onde os pontos não são convertidos em centros ou objetivos, o nomadismo

assume novas definições e um valor estratégico que possivelmente não caracterizaria apenas o cangaço de Lampião. Eventualmente cada um destes aspectos ajudam a compreensão de outros movimentos situados à margem da sociedade dominante: o nômade é inimigo tradicional do sedentário. Basta lembrar das sempre conflitantes relações entre beduínos e os Estados vizinhos de seu território, do ódio ancestral dos quais os ciganos, principalmente não sedentarizados, foram e até certo ponto ainda são alvo, ou do terror com que durante muito tempo os povos das estepes orientais, em particular os mongóis, assombraram a Europa. O desconforto permanece frente a este desconhecido em nossas sociedades, direcionado agora para grupos de miseráveis, cuja presença por si só é tantas vezes objeto de rejeição. O fim da ameaça encontra-se ou na morte, ou na sedentarização. Como não poderia deixar de ser, assim encerrou-se a história do cangaço no sertão nordestino. O cerco policial que teve como desfecho a morte de Lampião, em 1938, bem pode ser considerado o marco inicial da nova vida de seus companheiros, que em grande parte foram encontrar a paz, à custa de muito sofrimento, na migração para grandes cidades espalhadas pelo Brasil afora. Deixaram para trás, como tantos outros retirantes, o território que Lampião se recusou a abandonar, para sair em busca de um futuro diferente do presente, provavelmente difícil e mais previsível.

* Ana Claudia D. R. Marques é Mestre em Antropologia e professora na UFSC.

NOTA

1. Para uma abordagem mais aprofundada do problema da tática e da estratégia na guerrilha de Lampião, ver Villela (1995).

BIBLIOGRAFIA

- CHANDLER, Billy Janes
(1981) *Lampião: o Rei dos Cangaceiros*, São Paulo, Paz e Terra.
- LIRA, João G. de
(1990) *Lampião. Memórias de um Soldado de Volante*, Recife, Fundarpe.
- MELLO, Frederico P. de
(1985) *Guerreiros do Sol: o Banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife, Massananga.
- NONATO, Raimundo
(1965) *Lampião em Mossoró*, Mossoró, Pongetti.
- OLIVEIRA, Aglae L. de
(1970) *Lampião, Cangaço e Nordeste*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro.
- PRATA, Raulpho
(1934) *Lampião*, s/e, Ariel.
- VILLELA, J.V.
(1995) *A Organização Espacial do Cangaço de Virgílio Ferreira da Silva - Lampião - (1922-1928 / 1928-1938) ou como produzir território em movimento* (dissertação de mestrado em antropologia social - UFSC).